

**Literatura, esportes e regionalismo no Brasil:
O grande desportista, de Pascoal Toti Filho¹**

***Literature, sports, and regionalism in Brazil:
Pascoal Toti's O grande desportista***

Cleber Dias

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
cleberdiasufmg@gmail.com

Resumo: Trabalhos que analisam livros ficcionais sobre esporte destacam o potencial dessas obras de codificar e divulgar percepções que exprimam uma escala de valores a respeito desta prática. No Brasil, tais análises têm enfatizado o uso da literatura como recurso para articulação de uma identidade nacional, exagerando o papel desempenhado por obras e escritores de regiões metropolitanas, ao mesmo tempo em que ocultam, em contrapartida, a diversidade regional que afetou esse campo de atividades. Além das obras de nomes literários consagrados ou publicadas nos centros metropolitanos brasileiros, uma literatura ficcional e jornalística sobre esporte teve lugar também em regiões do *hinterland* brasileiro. Com o propósito de revelar parte desta diversidade, este artigo apresenta e analisa o romance *O grande desportista*, de Pascoal Toti Filho, publicado em 1922, em Uberaba, Minas Gerais. O artigo enfatiza dois assuntos facilmente destacáveis como elementos para análise histórica

¹ A pesquisa que subsidiou este artigo contou com apoio da Fapemig e do CNPq. Agradeço a Igor Maciel da Silva, bolsista de iniciação científica, que participou da pesquisa em jornais do Triângulo Mineiro, no acervo da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. Agradeço também aos integrantes do Grupo de Pesquisa em História do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, que leram e comentaram criticamente uma primeira versão do manuscrito.

na obra: as relações de gênero e geopolíticas entre a capital de São Paulo e o interior de Minas Gerais.

Palavras-chave: esporte; literatura; história regional do Brasil.

Abstract: Studies that analyze fictional books on sports have highlighted how these publications carry the potential to encode and disseminate perceptions that express values about this practice. In Brazil, such analyzes have emphasized the use of literature as a tool for articulating national identity, by overestimating the roles of books and writers from metropolitan areas, while concealing, nonetheless, the regional diversity that affected this field of activities. Besides works by famous literary names or those published in Brazilian metropolitan centers, a fictional and journalistic sports literature bloomed in regions of the Brazilian hinterland, as well. With the purpose of revealing such diversity, this article presents and analyzes Pascoal Toti Filho's book *O grande desportista* (*The Great Sportsman*), published in 1922, in Uberaba, Minas Gerais. This article emphasizes gender and geopolitical relations between the capital of São Paulo and the countryside of Minas Gerais – two easily detachable themes, taken here as elements of historical analysis in the given novel.

Keywords: sports; literature; Brazilian regional history.

Recebido em: 30 de agosto de 2016.

Aprovado em: 27 de janeiro de 2017.

Introdução

Vários trabalhos têm tomado livros ficcionais sobre esporte como objeto de análise. Regra geral, destaca-se o potencial dessas obras de codificar e divulgar percepções que expressem uma determinada escala de valores a respeito do esporte, supondo que seus enredos e linguagens captem, estruturam e disseminem parte dos significados sociais dessas práticas. John Bale, por exemplo, analisou a maneira como ensaios, contos ou novelas de escritores tão diversos como Charles Dickens, George Orwell, Jack London, Scott Fitzgerald ou Lewis Carroll concorreram para estruturar um discurso articulado por meio do qual

o esporte seria pensado, percebido e experimentado desde meados do século XIX.² David Wood estudou como algumas obras da literatura peruana que têm o esporte como tema mais ou menos central, repercutem conflitos e dilemas morais, culturais e ideológicos daquele país.³ Alexis Tadié tomou como objeto de análise duas obras da segunda metade do século XX, a fim de identificar o uso da corrida de longa distância na ficção contemporânea, destacando a celebração de heróis e um aspecto libertador, ou até subversivo, como temas recorrentes.⁴

No Brasil, especificamente, empreendimentos acadêmicos desse tipo também têm sido realizados. Mauro Rosso, por exemplo, reuniu e analisou uma série de escritos de Lima Barreto e Coelho Neto, incluindo discursos, crônicas e trechos de romances, datados das décadas de 1900 e 1910, em que esses escritores “pré-modernistas” expõem suas concepções divergentes sobre os esportes. Em Coelho Neto, o esporte aparece como uma força positiva de transformação social e regeneração racial, enquanto em Lima Barreto aparece como um negativo estrangeirismo elitista, de várias formas nocivo, sobretudo às classes populares.⁵ Fátima Antunes, tratando já de obras e escritores de período posterior, estudou a literatura de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues, particularmente suas crônicas esportivas. Segundo suas conclusões, a crônica esportiva, tal como elaborada por esses escritores, foi responsável pela formulação de opiniões a respeito da identidade e do caráter nacional do brasileiro. Segundo anotou a autora, “o futebol passou a ser visto como elemento definidor de brasilidade, algo que lhe resumia a *alma* e o *jeito de ser*”.⁶ Mais ainda, a articulação do futebol com a literatura teria desempenhado papel chave na construção de traços definidores da identidade brasileira, pois, conforme afirma Antunes, “mais que qualquer outra forma de produção de conhecimento, a literatura, tradicionalmente, cumpriu um papel destacado na formação de uma consciência nacional no Brasil”.⁷

² BALE. *Anti-sport sentiments in literature*: batting for the opposition.

³ WOOD. On the crest of a wave: surfing and literature in Peru; WOOD. Reading the game: the role of football in Peruvian literature.

⁴ TADIÉ. Running for freedom: the politics of long distance running in modern fiction.

⁵ ROSSO. *Lima Barreto versus Coelho Neto*: um Fla-Flu literário.

⁶ ANTUNES. “*Com brasileiro não há quem possa!*”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues, p. 24, grifos da autora.

⁷ ANTUNES. “*Com brasileiro não há quem possa!*”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues, p. 28.

Concentrando-se exclusivamente na obra de Mário Filho, Marcelino Rodrigues da Silva apresentou interpretações semelhantes. Para ele, o trabalho literário de Mário Filho sobre os esportes, especialmente o futebol, teria colaborado para uma redefinição do modo como esta prática era socialmente percebida e representada. Ao invés do caráter exclusivo e elitista que teria predominado no jornalismo esportivo das três primeiras décadas do século XX, o trabalho literário de Mário Filho, segundo ainda apontamentos de Silva, inaugurou um novo registro, no qual os modos populares de fruir e interpretar o futebol ganhavam visibilidade e legitimidade. Tudo isso também teria sido importante para a formação de uma nova consciência nacional, uma vez que traços culturais tidos por peculiares e em larga medida vinculados agora ao universo da cultura popular, foram um dos arcabouços fundamentais para o processo de construção de identidades nacionais.⁸

Apesar de haver uma relativa diversidade nos temas de análise dos esportes depreendidos de diferentes escritores e obras literárias brasileiras, pode-se notar o compartilhamento de elementos comuns a muitos deles.⁹ Uma das principais características que perpassam tais análises no Brasil reside, justamente, na ênfase no uso da literatura como recurso retórico para articulação de uma identidade nacional. De certo modo, esta ênfase reproduz e fortalece uma tendência teórica mais geral, que é a de vincular o desenvolvimento histórico dos esportes ao processo de construção de identidades nacionais, assunto que conta muitos estudos na bibliografia especializada.¹⁰ De fato, em diferentes países, a utilização política e cultural dos elementos simbólicos dos esportes para construção de identidades nacionais mostrou-se bastante comum ao longo do século XX.

Todavia, o relativo sucesso na construção desta identidade unificada ao redor da ideia de nação não apagou tensões das relações entre o regional e o nacional. Pois narrativas históricas nacionais, afinal,

⁸ SILVA. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*.

⁹ Ver HOLLANDA. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*; CAPRARO. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*.

¹⁰ Entre outros, ver DRUMOND. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*; FRANZINI. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais do futebol brasileiro (1919-1938)*; GASTALDO; GUEDES. *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*; GOKSOYR. *Nationalism*.

não são mais que o resultado de um conjunto mais ou menos arbitrário de generalizações, onde práticas e imaginários de grupos específicos, de regiões específicas, se apresentarão como representações válidas para toda a nação.¹¹ Nesse sentido, uma das críticas possíveis a essas abordagens reside nas suas implícitas concepções não problemáticas de nação. Ao lançarem um olhar retrospectivo sobre o passado, tomando como historicamente inevitável o desfecho do esforço para afirmação de uma identidade nacional, esses trabalhos ocultam conflitos e minimizam divergências que muitas vezes o perpassaram.

Algumas pesquisas históricas recentes têm chamado atenção para as inúmeras divergências regionais que permearam a disputa pelo controle institucional e primazia simbólica nos esportes no Brasil. Ricardo dos Santos, por exemplo, destacou a maneira crítica como as elites esportivas de Porto Alegre e Salvador relacionavam-se com as tentativas de controle sobre os rumos dos esportes por grupos do Rio de Janeiro e de São Paulo.¹² Henrique dos Santos também abordou o assunto em estudo sobre a história do futebol em Salvador, onde as elites esportivas, como ele bem o demonstra, também desejavam e reivindicavam centralidade e protagonismo no processo de construção das representações sobre a nação que se desenrolavam na década de 1920, o que as incentivava a um engajamento na disputa pelo poder de indicar jogadores à seleção brasileira de futebol, vista já à época como espaço social privilegiado para representação simbólica da nação.¹³

No âmbito mais específico dos estudos sobre a literatura dedicada aos esportes, todavia, prevalece ainda um olhar que exagera o lugar e o papel desempenhado por obras e escritores de determinadas regiões, econômica, política e culturalmente mais centrais na vida do país, ocultando, em contrapartida, a possível diversidade regional que também afetou esse campo de atividades. O ponto de vista dos próprios agentes envolvidos nas disputas que permearam os esportes em princípios do século XX são muitas vezes adotados sem a adequada crítica ou contextualização histórica. Afirmações como as de Thomas Mazzoni, que apontava sua própria cidade, São Paulo, como lugar privilegiado para

¹¹ IANNI. *A idéia de Brasil moderno*.

¹² SANTOS. Comemorando o Brasil: que Brasil?

¹³ SANTOS. Nos gramados do sul: a seleção baiana de futebol e o torneio do Centenário da Independência em 1922.

identificação da origem do futebol no Brasil, bem como o seu próprio romance com temática esportiva como pioneiro do gênero no país, são tomadas como fato inquestionável e reproduzidas sucessivamente.¹⁴ De maneira muito reveladora, em 2016, o livro *Flô, o goleiro “melhor do mundo”*, de Mazzoni, publicado originalmente em 1941, foi reeditado e apresentado, já na capa, como “o primeiro romance esportivo lançado no Brasil”. Todavia, teria sido este, de fato, o primeiro romance com temática centralmente esportiva escrito e publicado no Brasil? Presumivelmente, não.

Para além das obras de nomes literários consagrados ou publicadas nos centros metropolitanos brasileiros que reivindicavam para si pioneirismo em assuntos tidos por civilizados e modernizadores, como o eram os esportes e a vida cultural, de maneira mais geral, uma literatura ficcional e jornalística sobre esporte teve lugar também em regiões do *hinterland*, permanecendo, porém, pouquíssimo explorada ainda pelos estudiosos dos esportes e da literatura, tanto quanto inteiramente desconhecida do grande público e dos registros mnemônicos do esporte brasileiro. Com o propósito de oferecer uma contribuição para a superação dessa lacuna, este artigo apresenta e analisa o romance *O grande desportista*, de Pascoal Toti Filho, publicado originalmente em 1922, em forma de folhetim, no jornal *A Separação*, de Uberaba, Minas Gerais, antes de sê-lo em formato de livro, no mesmo ano, pela Typographia A Século XX, da mesma cidade. Localizei o livro quase acidentalmente durante pesquisas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que guarda um exemplar da obra, antes de encontrá-lo novamente, mas de forma apenas parcial, nas páginas do jornal de Uberaba que o publicara em folhetim, cuja série jaz incompleta nos acervos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte.

A caracterização das personagens, bem como o enredo do livro, dividido em duas partes, com nove capítulos, apresenta um conjunto de representações sobre o significado dos esportes aos olhos do romancista de Uberaba, que certamente era representativo de muitos de seus contemporâneos. A ficção, nesse caso, serve como janela de oportunidade para se entrever dinâmicas sociais que se desenvolviam no mundo real. É como dissera Arthur Helps, “se você pretende compreender a

¹⁴ Para uma crítica a esse respeito, ver SANTOS; DRUMOND. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões.

sua própria época, leia as obras de ficção produzidas nela. As pessoas quando estão vestidas em fantasia falam sem travas na língua”.¹⁵ Mais especificamente, no caso do romance *O grande desportista*, as relações de gênero e geopolíticas entre a capital de São Paulo e o interior de Minas Gerais são dois assuntos facilmente destacáveis como elementos para análise histórica na obra. Serão nesses aspectos, portanto, que este artigo estará concentrado.

Relações de gênero e geopolíticas n’*O grande desportista*

Pascoal Toti Filho era provavelmente membro de uma tradicional família de imigrantes italianos instalados em Uberaba: os Toti. Graças às informações do escritor João de Minas, que faz o prefácio d’*O grande desportista*, sabemos que o autor do romance era “um moço enrolado em músculos rijos” e “sportman dos mais autorizados”.¹⁶ Ainda segundo João de Minas, que também tivera envolvimento com esportes, mantendo, inclusive, uma coluna esportiva em jornal da cidade de Ouro Preto, Toti Filho era também presidente do Borges Sampaio Foot-ball Club, de Uberaba, além de já ter escrito outros livros sobre “literatura sportiva”.¹⁷

Os quatro personagens centrais do livro são Bífano, Alizie, Chucy e principalmente Marcelio Plutarchi. Secundariamente, há ainda os cronistas esportivos Rspadellas e Simphronio, que “disputavam a hegemonia do sportismo escrito em crônicas”;¹⁸ os jogadores Pedre, Zizu e Tatú Bitú; a velha sogra de Bífano, D. Calimeria; além de mais alguns personagens mencionados ocasionalmente. Entre estes últimos, aparecem, por exemplo, os nomes de Hildebrando Pontes, historiador e intelectual do Triângulo Mineiro, tendo publicado, inclusive, livro sobre história do futebol na região;¹⁹ e do famoso jogador paulista Friedenrich, tido como primeiro grande ídolo do futebol brasileiro. Tais correspondências literais entre a ficção e a realidade denunciam a dimensão acentuadamente realista do romance.

¹⁵ HELPS. *Life and labours of mister Brassey apud SEVCENKO*. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio, p. 514.

¹⁶ MINAS. Prefácio, p. II.

¹⁷ MINAS. Prefácio, p. II.

¹⁸ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 59.

¹⁹ Ver PONTES. *História do futebol em Uberaba*.

Bífano era um simpático barbeiro esportista, “conhecedor dos mais profundos segredos” e “amigo de toda gente”.²⁰ Morador do bairro do Bom Retiro, onde foi criada a popular equipe do Corinthians, sua casa era cheia de fotografias dos maiores jogadores de futebol da época. Além de ser assíduo leitor dos jornais esportivos de São Paulo, Bífano já havia jogado futebol como *center-half*. Tudo isso fazia de sua barbearia um ponto de encontro socialmente importante, onde parte da trama se desenrolará. Segundo descrição no romance:

O salão do barbeiro é o ponto para onde convergem as mais variadas sortes de comentários e onde se abrem mais facilmente todas as gargantas em discussões sobre política, religião e esportes, sobretudo com referência ao futebol, que nos últimos tempos vem sendo o assunto que a todos empolga.²¹

Alizie, “linda” e “encantadora”, que por vezes tocava foxtrotes ao piano, era prima de Bífano. Já Chucy, “mordaz”, “endiabrada”, “meiga”, “solícita”, “camarada” e “muito espirituosa”, era uma carioca apresentada como “genuína”, torcedora do Flamengo, hospedada na casa de Alizie, em São Paulo. Ambas eram fortemente envolvidas com o futebol, a ponto de terem desavenças entre si, uma vez que apoiavam equipes diferentes. A participação das mulheres nos *grounds* de *foot-ball* é algo mesmo destacado no romance. De acordo com um comentário do barbeiro Bífano: “É sublime ver-se a paixão das meninas de nossa terra pelo futebol, principalmente. Que extraordinária é a paulistana! Chega a chupar o lápis da pintura!”²² Palavras do personagem Marcelio Plutarchi, no mesmo sentido, também destacavam a marcante presença feminina nos campos de futebol do Triângulo Mineiro, onde seria, segundo ele,

necessário muito algodão nos ouvidos para não se arrebenar o tímpano. Reunindo-se quantas sogras houver por lá, não fazem elas todas a ‘terça-metade’ do barulho que fazem as nossas torcedoras, principalmente quando gritam pelos nossos campeões do *ataque* e da *defesa*.²³

²⁰ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 4.

²¹ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 3.

²² TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 7.

²³ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 37, grifos do autor.

Todavia, as possibilidades de tal participação das mulheres no futebol, bem de acordo com os cânones comportamentais que predominavam à época, estavam inteiramente confinadas às arquibancadas. Segundo concepções amplamente disseminadas então, mulheres estavam “naturalmente” inclinadas a determinados esportes, e não a outros. O futebol, nesse contexto, estaria no universo das interdições, ao passo que outras modalidades, como a dança ou o tênis, seriam mais recomendáveis.²⁴ Tudo isso seria reproduzido no enredo d’*O grande desportista*.

A mulher arrebatava com a dança, que é um dom especial seu, e é por isso que ela suplanta o homem nesse esporte tão delicado. A sua construção física parece amoldada à dança, tendo o mais vivo desenvolvimento e a flexibilidade necessária para a execução desse divertimento. Ao passo que o homem, ao contrário, não é tão apto para isso, mostrando-se quase sempre sem a mesma facilidade de deslocação dos órgãos mais emperrados que desenvolvidos, por muito exercício que tenha desse esporte de salão. A mulher já nasce sabendo dançar; a dança é propriedade sua. O homem, esse não. Ele é mesmo mais rijo: tem firmeza, tem destreza, mas não tem frouxidão. Ele é o esportista dos grandes cometimentos, das refregas, o campeão das pugnas contra os mercados, movendo-se no terrível intercâmbio social como sustentáculo ímpar da família. Ele, por outro lado, faz as leis, estabelece tratados, edifica nações, rasga oceanos, remove montanhas, perfura abismos ligando continentes, estreitando raças e organizando, enfim, novo conjunto da civilização dos povos, no progresso moral, material e intelectual da humanidade.²⁵

No romance, há um pequeno espaço para contestação desses papéis sociais, refletindo, de certo modo, o contexto da época, onde as mulheres reivindicavam, cada vez mais, um reordenamento de antigos

²⁴ SCHPUN. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*; MELO. *Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910)*; FRANZINI. *Futebol é “coisa para macho”?: pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol*; GOELLNER. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Física*.

²⁵ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 54-55.

preceitos. Palavras de Alizie, por exemplo, afirmavam a importância da mulher no futebol, tal qual a dos homens. Diz a personagem: “tomamos sempre uma parte importante em todos os jogos, como em todas as cousas em que o homem sobressai com a sua inteligência e força”.²⁶ Além disso, o romance também capta com muita verossimilhança as relações de gênero que perpassavam o ambiente esportivo do período. No enredo, os campos de esporte também servem de pretexto para o início de relações amorosas, às vezes de modo bastante malicioso. Em certa passagem, Chucy, cortejada simultaneamente por mais de um homem, mas preferindo claramente o jogador Zuzu, exige-lhe que abandone o futebol para dedicar-se tão somente a ela, com toda a atenção que ela própria julga necessária. Ao ser criticada por essa atitude, a genuína carioca, contesta com uma maliciosa resposta cheia de duplo sentido, alegando que depois que for de Zuzu, o deixará “furar gol a seu bel prazer”, ela diz.²⁷ Também Plutarchi, depois de uma certa indecisão nas suas preferências amorosas, divididas entre Alizie e Chucy, acaba se aproximando de Alizie, que o corresponde, organiza uma festa especialmente para ele, além de dar-lhe um beijo. Em todos os casos, as arenas de esporte são lugares fundamentais para a relação entre os sexos, como de fato se sucedia na realidade. No romance, igualmente, todos esses personagens jogam partidas de tênis entre si e frequentam bailes nas sedes sociais dos clubes esportivos que frequentam; bailes que se arrastavam até as quatro horas da madrugada, devidamente noticiados pela imprensa, tal como frequentemente acontecia na realidade.

Finalmente, Marcelio Plutarchi, aparentando 26 anos e provavelmente encerrando características de um *alter ego* do autor do romance, aparece como um “vistoso guapo”, “empinado” e “forte”, “um colosso”; “ciclópica figura que com simples respirar – qual ciclone – poderia arremessar [qualquer um] a grande distância”.²⁸ O vigor atlético de Plutarchi é tão notável que o faz parecer um carioca, um atleta, o que revela também as representações associadas, então, a um atributo peculiar do Rio de Janeiro, marcado por uma vida intensamente esportiva, conforme concepções implícitas no romance.

²⁶ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 17.

²⁷ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 78.

²⁸ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 6.

Bífano e Plutarchi, além disso, claramente compartilhavam o mesmo entusiasmo pelo vigor físico e atlético dos corpos masculinos. A certa altura, comenta Bífano:

um homem forte é querido e admirável em tudo e por tudo. Oh! se eu voltasse aos meus vinte anos, seria um campeão de musculatura mais rija que a do aço... [...] o homem forte é querido. É necessário mostrar nas pugnans mais arrojadas, a destreza e o saber para que toda gente o admire.²⁹

Psicologicamente, outra marcante característica do personagem Plutarchi, vindo dos sertões de Minas Gerais, e mais especificamente do Triângulo Mineiro, como revela-se em certo ponto do romance, era sua paixão ilimitada por São Paulo, em geral, e pelo esporte paulista, em especial. Nota-se mesmo grande deslumbramento de Plutarchi diante de todas as coisas de São Paulo, retratada como um “grande centro cosmopolita”, onde “sentia-se gravitar em torno de tudo, uma energia impulsionando a atividade dos homens e das cousas”.³⁰ Em outro trecho, no mesmo sentido, dizia o personagem: “São Paulo regurgitava. O zum-zum infernal, predominante em todas as grandes cidades, sentia-se cada vez mais crescente”.³¹

No universo esportivo, Plutarchi, conforme informa o narrador, “não tinha prazer algum em ver atletas que não fossem paulistanos, mesmo porque não ignorava que os paulistas sabem com dedicação defender a sua força esportiva”.³² Dizia ler tantas coisas todos os dias nos jornais paulistas referentes ao “esportismo” naquela cidade, que confessava não ter outra opção senão se admirar.³³ O personagem, na verdade, dizia-se entusiasmar cada vez mais com aquele “centro esportivo”, que, segundo ele, “decidia a sorte futebolística do nosso país, um ambiente melhor, onde se salientava o jornalismo e onde se discutia o futebol com mais acerto”.³⁴ Depois de acompanhar quase toda uma temporada esportiva na capital paulista, Plutarchi dizia mesmo estar

²⁹ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 9-10.

³⁰ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 15.

³¹ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 83.

³² TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 5.

³³ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 6.

³⁴ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 40.

“convencido de que os paulistas têm mesmo gosto para tudo aquilo que se diz belo e deslumbrante”.³⁵ Reforçando os estereótipos do sertanejo deslumbrado com as maravilhas da metrópole, o personagem admitia ainda jogar de forma bruta nos campos de futebol, ao mesmo tempo em que reconhecia humildemente estar em terra onde o “progresso suplanta tudo”, “terra admirável”, ele dizia, “até mesmo em matéria de esporte”.³⁶ Sintomaticamente, o personagem se referia aos paulistas como “os bandeirantes do esporte”.³⁷

Por meio do deslumbramento de seu personagem, o escritor Pascoal Toti Filho parecia manifestar tanto as insatisfações quanto as ambições, não apenas dele próprio, individualmente, mas de todo um grupo social do qual ele seguramente fazia parte. Nessa época, as elites de várias pequenas e grandes cidades do Brasil empenhavam-se sobremaneira em defender retoricamente, ou organizar praticamente, iniciativas que atestassem o desenvolvimento, o progresso e a modernidade material e comportamental de suas respectivas regiões. A construção de cemitérios, a reforma de praças ajardinadas, a inauguração de cinemas ou teatros, mas também a realização de partidas esportivas, eram todos tomados como símbolos dessas transformações. Grandes metrópoles brasileiras ou estrangeiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Paris ou Nova York, eram constantemente mobilizadas como exemplos a se seguir. No Triângulo Mineiro, especificamente, de onde escrevia Pascoal Toti Filho, São Paulo, “a locomotiva do Brasil”, como fora chamada certa vez, servia como um dos principais modelos. A histórica ligação econômica, cultural e política do Triângulo Mineiro com São Paulo, pavimentada desde 1889, com a inauguração da Companhia Mogyana Estrada de Ferro, que ligava Campinas até Uberaba, passando por Ribeirão Preto e estendendo-se ainda até Poços de Caldas, certamente fortalecia esses vínculos. Até os dias de hoje, há um lugar comum que afirma ser usual cidadãos do Triângulo Mineiro terem maior identificação emocional com São Paulo do que com Minas Gerais.

Um dos fios condutores deste enredo esportivo especialmente revelador sobre as representações da época a respeito das relações entre o sertão mineiro e a capital paulista, é um suspense ao redor das reais

³⁵ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 51.

³⁶ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 5.

³⁷ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 5.

intenções de Plutarchi em São Paulo. Na época em que o personagem se encontrava naquela cidade vivia-se um “clamor geral”, segundo diz o romance, a respeito da situação do jogador Pedre, que fora jogar nas equipes das “longínquas paragens” dos sertões de Minas Gerais. O caso de Pedre era especialmente polêmico, pois a Associação Paulista de Esportes Atléticos (citada no romance pela sua sigla, APEA), punira-o por ter ido jogar na equipe de outra cidade, sem autorização. A situação, de todo modo, não seria exatamente nova e encontra correspondência na realidade, tal como outros elementos do enredo do romance, conforme revela com relativa abundância os registros da imprensa mineira.

Em 1918, no contexto das comemorações do aniversário do Uberaba Sport Club, que se apresentava como o “campeão do Triângulo”, foram anunciadas na imprensa local partidas contra equipes do interior de São Paulo, mais especificamente contra o Palestra Itália, de Ribeirão Preto, que teria “elementos muito conhecidos”, sugerindo um fluxo de informações mais ou menos constante entre Minas Gerais e São Paulo.³⁸ Nos anos seguintes, jogos entre equipes de cidades do Triângulo Mineiro e de outras partes, sobretudo o interior de São Paulo, tornar-se-iam cada vez mais comuns. Em geral, tais ocasiões pareciam mobilizar grande interesse da população, movimentando aquele mundo esportivo e tornando as cidades do Triângulo Mineiro, conforme registrara um dos jornais da região, “festiva[s] e alegre[s]”.³⁹ Em 1920, o Uberaba Sport Club batera-se contra o Corinthians de Jundiáí, em peleja registrada pela imprensa como “renhida”, “colossal” e “assombrosa”.⁴⁰ Faltando mais de duas horas para o início da partida, que teria reunido mais de 4 mil almas, já se podia ver “incessante rodar de veículos, uma romaria a caminho da velha praça de esportes”.⁴¹ Dois anos depois, em 1922, mesmo ano em que fora publicado *O grande desportista*, equipes do Triângulo Mineiro – de Uberaba, em especial – não apenas viajavam para o interior de São Paulo para disputar partidas de futebol, como voltavam vitoriosas, o que era tomado como um importante índice do desenvolvimento esportivo local, uma vez que as equipes de São Paulo eram sempre tidas e apresentadas como exemplos de progresso e bom

³⁸ FOOT-BAALL (*sic*), p. 2.

³⁹ ARGUS. Notas sportivas, p. 3-4

⁴⁰ FOOT-BALL, p. 2.

⁴¹ ARGUS. Notas sportivas, p. 3-4.

desenvolvimento. Em partida entre o Uberaba Sport Club e o Paulista Sport Clube, da cidade de Ribeirão Preto, os jogadores de Minas Gerais teriam se mostrado “verdadeiros ‘sportmen’ e mestres do [e] no ‘football’”.⁴² O número “colossal” de espectadores, calculado em mais de 5 mil, teria reunido pessoas de São Carlos, Campinas, São Paulo, Barretos, Rio Claro, Limeira e Araraquara, que assistiram duas convincentes vitórias do time do Uberaba Sport Club.⁴³

No romance, o próprio Plutarchi, em entrevista sobre a situação do “futebol sertanejo” aos cronistas esportivos Rspadellas e Simphronio, comenta que o sucesso de uma das principais equipes de Uberaba devia-se, justamente, à presença de alguns dos mais famosos jogadores de São Paulo. Em sentido contrário, comenta-se também a transferência de Tatú Bitú de uma equipe da “Princesa do Sertão”, como era conhecida a cidade de Uberaba, para uma equipe paulista.

Alizie logo começa a desconfiar que o grande interesse de Plutarchi por futebol, bem como sua própria presença em São Paulo, motivava-se pela intenção de levar o jogador Tatú Bitú de volta a uma equipe de Uberaba, de onde viera, antes de começar a jogar por uma equipe de São Paulo. Plutarchi parecia, a Alizie, um espião de futebol. Para agravar, ao ser confrontado por tal acusação, o jogador pede-lhe que não exponha tais suspeitas a ninguém, o que soa como uma confissão de culpa. Alizie promete guardar segredo, desde que se mantenha inalterado o ataque da sua equipe preferida – justamente onde joga Tatú Bitú. Na sequência, Plutarchi desaparece por uns dias, o que só aumenta as suspeitas sobre ele. Ao reaparecer, explica que deixara-se ficar no hotel, saindo apenas à noite, para o teatro e o cinema. Bifano conta-lhe que muitos comentaram suas supostas intenções de buscar jogadores de São Paulo para Uberaba. Os rumores são amplificados por publicações do jornal *A Tarde*, noticiando jogos entre os dois principais times de Uberaba, mencionando também boatos sobre a transferência de jogadores paulistas para equipes do Triângulo Mineiro. A notícia dizia, ainda, que Plutarchi seria o principal responsável por essa articulação.

Nesse instante, o personagem penetrara já nos círculos de jornalistas de São Paulo, onde fizera amigos, inclusive. “Marcelio [Plutarchi] estava no apogeu. Seu nome corria de boca em boca, por

⁴² FOOT-BALL, p. 2.

⁴³ MINAS contra São Paulo, p. 2.

todas as ruas da Paulicéia”, diz o narrador.⁴⁴ Desse momento em diante, Plutarchi assume uma postura mais ativa e até desafiadora diante dos significados que a vida social de São Paulo pareciam assumir aos seus olhos de sertanejo. Sem desmentir os rumores de que estaria em São Paulo para recrutar jogadores para o sertão mineiro, Plutarchi relativizava a importância de medidas como essa, reiterando, ao invés disso, a capacidade dos jogadores de seu local de origem. Nas palavras do personagem:

a paixão pelo esporte [em Uberaba] aumenta dia a dia e, se pudessem, daqui [São Paulo] levariam para lá todos os campeões. No entanto, acho isso supérfluo: lá temos esquadras formidáveis, que, se tivessem de jogar com os daqui, não necessitariam senão de algum treino. Creio na eficiência dos que já lá estão. Desejo somente dizer-te, e aos que quiserem sabê-lo, que lá é bem forte o desejo de encontrar-se com os “topetudos” cá da terra do café.⁴⁵

A nova atitude ativa e orgulhosa também se manifestava em palavras de Bífano, o barbeiro. Em diálogo com Plutarchi, Bífano refere-se ao sertão mineiro como “adiantada terra”, afirmando ainda conhecer “de longa data a fama que gira em torno dela”.⁴⁶ Segundo palavras do barbeiro: “as pessoas de lá [Uberaba] são férreas em seus propósitos, não somente no esportismo, mas em tudo e por tudo que se relacione com o progresso e a civilização”.⁴⁷ No contexto do romance, a nova postura de Plutarchi poderia ser um estratagema para disfarçar suas reais intenções em São Paulo. Do ponto de vista analítico, além disso, a mesma postura poderia também ser tomada como a expressão de representações ambíguas que perpassavam a literatura e o esporte no período: de um lado, deslumbramento e entusiasmo com as coisas de São Paulo; de outro, orgulho e altivez para com as coisas dos sertões das Minas Gerais.

Tanto na realidade quanto no enredo do romance, relacionar-se com equipes de São Paulo, vencendo ou perdendo, mas competindo e medindo forças de todo modo, serviu como importante recurso social, político e cultural para a afirmação de identidades regionais, da mesma

⁴⁴ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 47.

⁴⁵ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 32.

⁴⁶ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 32.

⁴⁷ TOTI FILHO. *O grande desportista*, p. 32.

forma e aparentemente na mesma época em que se desenrolavam esforços para a construção de uma identidade nacional. A pouca ênfase que os estudos sobre o esporte têm ainda dado ao assunto não deve inibir a continuidade e a ampliação das iniciativas que vêm já se apresentando nesse sentido. Nesse contexto, análises da literatura regional relacionada aos esportes incentivam, e até capacitam, um entendimento melhor e mais profundo das tensões e complexidades nas relações geopolíticas entre a nação e as regiões.

Referências

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “*Com brasileiro não há quem possa!*”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

ARGUS. Notas sportivas. *O Gaiato*, Uberaba, n. 3, p. 3-4, 25 jul. 1920.

BALE, John. *Anti-sport sentiments in literature: batting for the opposition*. New York: Routledge, 2010.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. 2007. 374 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

DRUMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FOOT-BAALL (*sic*). *Jornal do Triângulo*, Uberaba, n. 89, p. 2, 29 set. 1918.

FOOT-BALL. *A Separação*, Uberaba, n. 109, p. 2, 21 maio 1922.

FRANZINI, Fabio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, USP, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GASTALDO, Edson L.; GUEDES, Simone Lahud (Org.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica*. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOKSOYR, Matti. Nationalism. In: POPE, Steven W.; NAURIGHT, John (Ed.). *Routledge companion to sports history*. New York: Routledge, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

IANNI, Octavio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, USP, v. 27, n. 54, p. 127-152, 2007.

MINAS contra São Paulo. *A separação*, Uberaba, n. 109, p. 2, 21 maio 1922.

MINAS, João de. Prefácio. In: TOTI FILHO, Pascoal. *O grande desportista*. Uberaba: Typographia A Século XX, 1922. p. I-V.

PONTES, Hildebrando. *História do futebol em Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras de Uberaba, 1972.

ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

SANTOS, Henrique Sena dos. Nos gramados do sul: a seleção baiana de futebol e o torneio do Centenário da Independência em 1922. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 17, n. 2, p. 469-504, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/4373/3248>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

SANTOS, João Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Tempo*, Niterói, v. 17, n. 34, p. 19-31, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/tempo/site/wp-content/uploads/2013/06/v17n34a03.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Comemorando o Brasil: que Brasil? In: SANTOS, João Manuel C. Malaia; MELO, Victor Andrade de (Org.). *1922: celebrações esportivas do centenário*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 163-182.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo Editorial, Editora SENAC, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____ (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 513-619.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

TADIÉ, Alexis. Running for freedom: the politics of long distance running in modern fiction. *International Journal of the History of Sport*, Taylor & Francis Group, v. 32, n. 2, p. 286-298, Oct. 2014.

TOTI FILHO, Pascoal. *O grande desportista*. Uberaba: Typographia A Século XX, 1922.

WOOD, David. On the crest of a wave: surfing and literature in Peru. *Sport in History*, Taylor & Francis Group, v. 29, n. 2, p. 226-242, June 2009.

WOOD, David. Reading the game: the role of football in Peruvian literature. *International Journal of the History of Sport*, Taylor & Francis Group, v. 22, n. 2, p. 266-284, Mar. 2005.